



## EDITORIAL

# PERENIDADE CONTEMPORÂNEA, PRECARIEDADE HUMANA

Wilton Garcia<sup>1</sup>

**RESUMO:** Editorial sobre comunicação e tempos remotos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Comunicação. Tempos Remotos. Editorial.*

**ABSTRACT:** Editorial on communication and remote times.

**KEYWORDS:** *Communication. Remote Times. Editorial.*

O Brasil atravessa imprevisibilidades abruptas com a avassaladora pandemia do COVID 19. Testemunha-se um fenômeno biológico mundial que domina a humanidade, mais que o capital. O alastre dessa pandemia tem provocado situações violentas de doença e morte. Mesmo que o cuidado contra o contágio evite a proliferação do corona vírus, seria instigante perceber as mudanças radicais, além de constatar diferenças que

---

<sup>1</sup> Artista visual, Doutor em Comunicação pela ECA-USP, Pós-Doutor em Multimeios pelo IA-Unicamp. Professor da Fatec Itaquaquecetuba e do Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso, Sorocaba/SP. [www.devoradigital.wordpress.com](http://www.devoradigital.wordpress.com). E-mail: [88wgarcia@gmail.com.br](mailto:88wgarcia@gmail.com.br)

interpelam a realidade e geram colapsos que transformam rápido nossos modos de existência. A vida mudou. E isso solicita reflexão. Pensar a vida. Por certo, não se trata de alarme com essa catástrofe, nem apocalipse, mas vale se orientar de determinada perspectiva humanitária em busca de qualquer tentativa de (re)solução de problema. E a sociedade contemporânea não consegue responder imediatamente ao volume de desafios emergentes da vida humana, uma vez que os conflitos da desigualdade social extrapolam o cotidiano. Portanto, o sujeito encontra-se fragilizado, penere, precário, diante de enfrentamentos de toda a ordem que assolam o viver atual.

Particularmente no Brasil, instaurou-se uma enorme crise de representação social que abala grandes eixos: saúde, economia, política, comunicação. Esses eixos não comportam a tenacidade de desajustes que se destoam em si. Ou seja, verificam-se ações estapafúrdias que desestabilizam ainda mais o sistema, em crise. Se a expectativa seria avançar socialmente, alavancam-se oportunidades e “novas/outras” ideias a serem (re)consideradas. Paradoxos, contradições e controvérsias surgem de vários lados, (re)articulando uma onda de estranhamentos, sem quaisquer diretrizes. Ou seja, não há referentes absolutos, pois cada setor da sociedade, hoje, se autodenomina autoridade, contendo seus próprios parâmetros de modelos idealizados. Porém, são ideias sem propósitos democráticos, pois são propostas vazias sem justificativas, sem ideologias.

No âmbito da saúde, a ciência não consegue trazer à tona uma solução para sanar a dificuldade. Nem a medicina, nem a vacina são eficazes na eliminação do vírus. A propagação do contágio ocorre como tsunami, no efeito estatístico exponencial de ondas que invadem aos poucos o país – das grandes capitais para as cidades do interior, sem recursos para reagir à catástrofe. Trata-se de uma condição fatal, letárgica. Logo, vale evitar que a pandemia alcance a população mais velha, pois são vítimas vulneráveis. Não se chega ao consenso médico a respeito do remédio Hidroxicloroquina e a guerra de desencontros dos especialistas da infecção torna a população, ainda, mais vulnerável.

Já no âmbito da economia, o empresário explorou tanto o mercado, o qual se encontra sucateado e agora não consegue se manter com reservas, pois inexistem, não foi planejada. A gestão de negócio solicita flexibilidade na remodelação de resultado, pois o capital para ganhar impulso precisa ser revisto. O alto valor maximizado do dólar

americano contra a moeda brasileira demonstra a incapacidade do mercado nacional lidar com essa adversidade das portas fechadas (*lock down*), no momento da pandemia. Oposto ao distanciamento social, o plano econômico do país depende da dinâmica cotidiana do consumidor, no rateio diário da rotina na feira que faz a moeda circular.

E no âmbito da política, a sociedade brasileira precisa dar conta das atitudes devastadoras, visto que nem o estado, nem o governo o fazem. Isso pregoa posições extremistas de discursos conservadores, ultrapassados e em desajustes com a Constituição do Brasil. Disso, as formas de organização social proliferam verdades absolutas, de acordo com os próprios interesses, que não combinam entre si. Assim, o neoliberalismo contemporâneo reage aos desfechos perplexos da disputa capital com graves consequências que atingem aos mais pobres e enunciam as desigualdades sociais. Nitidamente, percebe-se que o país está desgovernado. A *polis* encontra-se minada.

Além disso, no âmbito da comunicação, as tecnologias emergentes tornam-se a saída para dirimir o contato físico das pessoas, evitando a contaminação do corona vírus. Agora, dispositivos tecnológicos auxiliam no combate da disseminação da doença diante do isolamento populacional, ao promover/estimular maior uso da cultura digital – algoritmo, *big data*, internet das coisas. Provavelmente isso não tem volta, visto que o uso tecnológico será ainda maior no futuro, não tão distante. A dependência desses dispositivos permite novas decisões a respeito da vida. Afinal, o distanciamento social equivale-se do compartilhamento de informação provocando antagonismo: perto-longe.

A experiência virtual utiliza ferramentas digitais (*smartphones*, computadores, *tablets*, redes sociais) para invadir residências. O espaço privado da casa transforma-se em palco para *lives* (transmissão ao vivo) de artistas ou gente comum. E aguça a curiosidade na interação com influenciadores/as digitais para que se revele algo a mais da vida alheia. Embora, não se pode esquecer a exclusão digital, porque nem todos/as têm em casa computador, internet telefone celular, com a qualidade necessária na troca de informação. O acesso, portanto, é restritivo, conforme a disponibilidade financeira para conseguir melhor desempenho hipermediático e suas idiossincrasias.

Na utilização de dispositivos tecnológicos, essa possibilidade comunicacional avança em operações estratégicas de mercado-mídia, garantindo mudança de

paradigma: a ênfase no envolvimento das pessoas com o suporte tecnológico. De um lado, seria pensar na *materialidade concreta do espaço físico*; de outro, há a *sensorialidade abstrata do espaço virtual*. Ou seja, o processo interativo entre pessoas aproximam ideias, não corpos. Ambos esboçam determinado estado intermediário, oscilando no agenciamento o tangível ao intangível (e vice-versa) da esfera comunicacional, ao desdobrar produção de subjetividade e produção de efeito.

Como artista visual e professor de comunicação, observo discrepâncias sobre o acesso à informação, principalmente na atualidade com as tecnologias emergentes. Ao considerar o esforço de ultrapassar barreiras, por vezes intransponíveis, a sociedade brasileira tem o direito à informação com dignidade. Temas como empatia e/ou solidariedade não são suficientes para alimentar o turbilhão complexo de necessidades recorrentes. Sem dúvida, é fundamental refletir acerca do que está acontecendo atualmente. Para além de entretenimento, vale a informação e não a desinformação amparada por *fake news* e/ou pós-verdades. Como fator de risco, fica o convite para que os editoriais de jornalismo, do Brasil e do mundo, pautem nossa realidade (de)marcada por perenidade contemporânea e precariedade humana na restauração da vida.